

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ESTUDOS COMPARADOS EM ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS
CURSO DE SEGURANÇA PÚBLICA E SOCIAL

EDVALDO ALVES DO NASCIMENTO

O DESCARTE IRREGULAR DE LIXO: O QUE ISTO NOS INFORMA?

NITERÓI

2018

EDVALDO ALVES DO NASCIMENTO

O DESCARTE IRREGULAR DE LIXO: O QUE ISTO NOS INFORMA?

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Segurança Pública e Social.

Orientador: Daniel Ganem Misse

NITERÓI

2018

EDVALDO ALVES DO NASCIMENTO

O DESCARTE IRREGULAR DE LIXO: O QUE ISTO NOS INFORMA?

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Segurança Pública e Social.

Aprovado em _____ de _____ de 2018

BANCA EXAMIDADORA:

Prof.

Daniel Ganem Misse

Prof.

Izabel Saenger Nuñez

Prof.

Marco Aurélio Gonçalves Ferreira

Dedico este trabalho às memórias de Maria Celeste Alves do Nascimento e Joana Campos Waack.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente o apoio de minhas irmãs: Nilda, Dalva, Ana e Lurdinha. Vocês são a minha base de sustentação.

Aos meus sobrinhos Ana Carolina, Felipe, Gabriel, Pedro e Thales. Vocês me ensinam, todos os dias, a ser o melhor que posso.

À Elizabete Noguti: pela luta, coragem, carinho e companheirismo. Nada disto seria possível sem você ao meu lado. Obrigado por estar comigo nas horas mais difíceis.

À Tio Sebastião e à Tia Maria.

Ao meu grande amigo Antonio Valdoso. Amizade para todas as horas.

À Maria Clara pela ajuda na revisão.

À Rejanea de Oliveira e Juliana Pessanha.

Aos meus amigos: Alberto Gomes, Aldaci de Moraes e Ana Franklin. Sentirei falta das nossas caminhadas e conversas até o terminal.

Ao meu orientador Daniel Misse que, com seu acolhimento e “mente aberta”, me guiou pelo emaranhado de meus pensamentos.

À professora Izabel Nuñez e ao professor Marco Aurélio Ferreira não somente por aceitarem em participar da banca, mas também por todo conteúdo transmitido ao longo dos semestres.

A cada um dos professores e funcionários do departamento de Segurança Pública que tive nesses quatro anos de estudo. Sem a contribuição dos senhores nada disso seria possível.

A todos os entrevistados que me cederam o máximo de tempo que podiam para este aluno em formação.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a dinâmica do descarte de lixo irregular na Travessa Maria da Conceição, bairro Porto Novo, município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro. Nesse estudo existe um conflito entre as regras existentes e as atitudes dos moradores. Na busca por compreender os conflitos decorrentes desta dinâmica, entrevistei moradores, gestores da Prefeitura de São Gonçalo e funcionários da empresa terceirizada, responsável pela coleta de lixo. Cada um, à sua maneira, me ajudou a captar alguns dos elementos-chave nestes acontecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Descarte irregular de lixo.; Conflitos de proximidade.; Entrevistas.

ABSTRACT

The aim of this research is to understand the dynamics of illegal waste disposal at Travessa Maria da Conceição, Porto Novo neighborhood, São Gonçalo municipality, in the State of Rio de Janeiro. In this study there is a conflict between the existing rules and the attitudes of the residents. In the search to understand the conflicts arising from this dynamic, I interviewed residents, managers of the São Gonçalo City Hall and employees of the outsourced company responsible for garbage collection. Each one, in his own way, helped me to capture some of the key elements in these events.

KEYWORDS: Irregular waste disposal .; Proximity conflict.; Interviews.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – Reunindo dados do lixo.....	12
1.1 – Juntando um pequeno fragmento da história do lixo.....	12
1.2 – Filmando nosso lixo.....	13
1.3 – Contando o lixo.....	14
1.4 – Descarte irregular de lixo, Auto Controle e as Janelas Quebradas.....	15
1.5 – O Interacionismo Simbólico e a Eficácia Coletiva.....	19
CAPÍTULO 2 – O campo.....	22
2.1 – Descartando e pondo fogo no lixo.....	28
CAPÍTULO 3 – Coletando algumas pedras preciosas.....	30
3.1 – As entrevistas com os funcionários da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo.....	31
3.1.1 – Turquesa.....	31
3.1.2 – Topázio	32
3.1.3 – Esmeralda – o motorista do caminhão da companhia terceirizada.....	35
3.2 – As entrevistas na vizinhança.....	36
3.2.1 – Opala.....	36
3.2.2 – Diamante.....	38
3.2.3 – Rubi – o subsíndico do condomínio onde moro.....	40
3.2.4 – Ametista.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

INTRODUÇÃO

Dos inúmeros problemas associados ao crescimento populacional das grandes cidades, o descarte de lixo é um dos que recebem menos visibilidade. Tratamos o lixo com uma indiferença que não pode mais ser ignorada, sob o risco de comprometer, de forma irreversível, não somente o presente, mas também nosso futuro.

Em uma sociedade cada vez mais voltada para o consumo, uma vez que a produção de bens “duráveis” atingiu um nível em que quase tudo é substituído em pouquíssimo tempo, o cenário à nossa frente é sombrio, onde a diversidade e a quantidade de materiais descartados extrapolaram os limites ambientais ou de saúde pública:

Dentre os problemas oriundos da disposição imprópria de grandes quantidades de resíduos, pode-se destacar: poluição do ar, poluição do solo, poluição das águas superficiais e subterrâneas, proliferação de vetores, contaminação da biota, poluição visual e sonora, desvalorização imobiliária, descaracterização paisagística e desequilíbrio ecológico. (SISINNO, 2002, p. 13)

É interessante notar que estes problemas esgotam as fronteiras das grandes metrópoles, portanto não é incomum descobri-los em lugares mais afastados dos grandes centros, como é o caso do bairro do Porto Novo, no município de São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro (RJ). Resido neste local há cerca de dez anos e o descarte de lixo, feito de forma irregular, é uma constante nesta área e sempre me causou indignação, seja pelo desvio em si, seja por outros transtornos decorrentes desta dinâmica – incêndios, coluna de fumaça tóxica, gerando conflitos entre moradores do bairro. Não é incomum acontecer de diversos moradores do condomínio saírem dos seus apartamentos com seus filhos, na tentativa de evitar intoxicações.

Os conflitos entre pessoas próximas são mais comuns do que se imagina, conforme nos aponta Michel Lobo em seu estudo¹ sobre um Juizado Especial Criminal (JECrim), na Baixada Fluminense (RJ):

Constatai, em meus dados, que 85,6% dos casos que chegam ao juizado pesquisado são compostos por conflitos que envolvem pessoas próximas entre si e que se conhecem de alguma forma, onde apenas 14,4% dos conflitos são compostos por desconhecidos. Nesses conflitos 38,5% são

¹ Pesquisa apresentada no XI Congresso Argentino de Antropologia Social em Rosário, Argentina em 2014.

entre vizinhos; 28,5% entre parentes; 6,8% são colegas de trabalho; 6,2 % são cônjuges ou ex-cônjuges; 5,6% são amigos íntimos. (LOBO, 2014, p. 2-3)

Assim, esses “conflitos de proximidade” se dão na medida em que um indivíduo exerce uma atividade que afeta o ambiente dos demais. No caso do bairro do Porto Novo (SG) tudo começa com o descarte de lixo feito de forma irregular no muro do condomínio e à margem do Rio Marimbondo, que passa pela vizinhança. Em tese, essa dinâmica não seria de fácil compreensão, dado que a prefeitura, através de uma empresa terceirizada, recolhe o lixo, regularmente, três vezes por semana.

Se a coleta de lixo é realizada regularmente três vezes por semana pela empresa contratada pela prefeitura, quais seriam as motivações de uma parcela dos cidadãos do bairro em deixar móveis velhos (sofás, camas, estantes, cadeiras, mesas), galhos de árvores e entulhos de pequenas reformas amontoados junto ao muro do condomínio e à margem do Rio Marimbondo? De onde surgiu a “regra” para estas pessoas de que esses locais seriam apropriados para o descarte de lixo?

Tais questionamentos trouxeram-me ao objeto de estudo que ora exponho neste documento: compreender as dinâmicas que envolvem o descarte de lixo de forma irregular na Travessa Maria da Conceição, no bairro Porto Novo, município de São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro.

A metodologia utilizada neste estudo foi, inicialmente, identificar uma bibliografia que pudesse se relacionar com o meu objeto, bem como, melhor fundamentar a discussão em torno da minha hipótese, de que as regras locais de descarte de lixo têm baixa internalização na vizinhança em estudo. Utilizei, de forma complementar à pesquisa bibliográfica, fontes jornalísticas, documentários e fotos dos locais de descarte irregular de lixo, que tirei do muro do condomínio e da margem do Rio Marimbondo durante os meses em que realizei o trabalho de campo. Como parte da pesquisa documental, foram pesquisados, ainda, leis e decretos sobre as regras de descarte de lixo da prefeitura e do condomínio.

Procurei produzir uma análise descritiva a partir da pesquisa de campo realizada, complementando-a por meio de entrevistas semi-estruturadas com os seguintes personagens: subsíndico do Condomínio Maria Rita; o motorista do caminhão da companhia terceirizada que recolhe o lixo; dois diferentes funcionários da Prefeitura

de São Gonçalo, ambos da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo e com moradores de uma rua paralela à Travessa Maria da Conceição.

Este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, descrevo o problema do descarte irregular de lixo, quais as consequências desta atitude sobre uma parcela da população gonçalense e o papel do Estado, na figura da Prefeitura de São Gonçalo que, através de leis e códigos de postura, estabelece a proibição e multa para aquele que, desobedecendo à conduta estabelecida, insiste em jogar lixo na via pública.

Meu objetivo foi tratar este conflito não como uma disfunção, mas sim, sob uma perspectiva diferente, capaz de compreender as relações estabelecidas entre a parcela da população gonçalense estudada e o ente público. Neste ponto, há algo de mim como morador atingido pelo problema. Mas há, fundamentalmente, como estudante e pesquisador, a busca por compreendê-lo: quais seriam as motivações dos moradores deste local em escolher as margens do rio e o muro do condomínio para descartarem irregularmente seu lixo? Assim, as teorias apresentadas ao longo do curso de Segurança Pública e Social foram fundamentais para que eu pudesse me distanciar o suficiente do objeto de estudo e observar o tema com a máxima isenção possível.

No segundo capítulo tratarei do meu processo de entrada no campo. Pelo fato de residir no local há muitos anos, imaginei que teria fácil acesso às informações que precisava para esta pesquisa. As dificuldades mais frequentes que me foram impostas dizem respeito a uma parte dos entrevistados que ficou “na defensiva” e, na maioria das conversas, pelo fato de a gravação não ter sido autorizada. Eu planejei uma coisa e o campo me apresentou outras direções, como no caso em que tive que voltar à Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo por duas vezes. Alguns destes rumos foram surpresas agradáveis, em outros, os constrangimentos sofridos me fizeram ir do desânimo à tenacidade.

No terceiro capítulo trabalharei com as entrevistas, buscando representações dos entrevistados sobre o cumprimento de regras quanto ao descarte de lixo e algumas percepções sobre os espaços públicos e o privado. As revelações feitas através de seus discursos apontam para problemas maiores que o tema principal abordado neste trabalho, ensejando reflexões que serão tratadas nas considerações finais.

CAPITULO 1 - Reunindo dados do lixo

*“Desde os primórdios
Até hoje em dia
O homem ainda faz
o que o macaco fazia”
"Homem primata" (TITÃS, 1989)*

1.1 – Juntando um pequeno fragmento da história do lixo

Uma vez que este trabalho trata sobre as motivações para o descarte de irregular de lixo, naturalmente, gostaria de resgatar um pouco da história que existe por detrás deste hábito, especialmente no Rio de Janeiro.

Para o professor Emílio Eigenheer, é somente com a vinda da Corte Imperial Portuguesa em 1808 para o Brasil que o problema de descarte de lixo irregular é tratado formalmente como inconveniente. Não que tais problemas não existissem antes, mas, naquele período não havia ainda sido tratado através de um documento formal.

Faço saber aos que este Edital virem ou dele tiverem notícia que sendo um dos cuidados da Polícia vigiar sobre o asseio da cidade não só para a comodidade de seus moradores, mas principalmente para conservar a salubridade [...] e impedir que se infeccione com as imundícies que das casas se deitam às ruas e constando aliás que muitos de seus moradores apartando-se culposamente do costume que nela sempre havia de mandarem deitar ao mar em tinhas e vasilhas cobertas as águas imundas e outros despejos se facilitam impunemente a fazê-lo das janelas abaixo, os que nunca era de sua liberdade fazê-lo no centro de uma Corte que se está estabelecendo e que se procura elevar a maior perfeição [...] fica hoje em diante vedado por esta Intendência o abuso de se deitarem as ruas imundícies e todo aquele que for visto fazer os despejos [...] serão punidos em dez dias de prisão e com a pena pecuniária de dois mil réis para o Cofre da Polícia e todos os Oficiais e a mesma Intendência e da Justiça e qualquer do povo que der parte da infração e se verificar de plano e pela verdade sabida receberá a metade da condenação pecuniária... (EIGENHEER, 2009, p. 101)

A publicação de editais pelo então intendente Paulo Vianna, visava à melhora da situação sanitária na cidade do Rio de Janeiro, atribuindo o poder de vigiar “o asseio da cidade” à polícia e recompensa para todos que denunciarem a infração (Oficiais da Intendência ou da Justiça e o povo em geral). O hábito de jogar lixo e

dejetos pela janela sempre foi proibido, e a partir desse decreto, passou também “a doer no bolso”.

O que não está no edital é que, segundo Eigenheer, o trabalho de recolher os dejetos era realizado por escravos popularmente conhecidos como “tigres”. O transporte era realizado em barris de madeira ou barro e não era raro acontecer acidentes durante o traslado em direção ao mar, feito sempre após às dez horas da noite. O que acontecia é que, dada a fragilidade do material, a umidade instalava-se nos barris em pouquíssimo tempo e os vazamentos eram inevitáveis. Por onde a comitiva de escravos passava, deixava o mau cheiro característico. A situação ganhará perspectivas de melhora quando, já no império, a corte passa a contratar firmas particulares para realizar a limpeza pública. Em 11 de outubro de 1876, a empresa de Aleixo Gary passa a ser responsável pelo trabalho e, até hoje, identificam-se os funcionários que recolhem o lixo em nosso estado, como “gari”. (Idem, 2009)

Apesar de não ser objeto deste trabalho estudar a escravidão é impossível deixar de observar o papel desempenhado pelos escravos na construção de nosso país. Para qualquer lado que olhemos nosso passado histórico, esta marca vergonhosa estará sempre presente.

1.2 – Filmando nosso lixo

Nos seus, aproximadamente, doze minutos, a história do curta-metragem “Ilha das Flores” (1989)² nos apresenta o destino dos tomates produzidos nos campos do sul de nosso país e posteriormente comprados por uma vendedora de produtos de beleza. Um deles está “amassado”, e descartado, vai parar no lixão gaúcho de Ilha das Flores, onde é disputado por seres humanos e animais. Com forte apelo social, o curta-metragem segue, com imagens duríssimas, tratando de nossas profundas desigualdades sociais, ora com um tom “evolutivo” de nossa espécie, onde somos capazes de discernir o que é ou não aproveitável, ora associando o lixo àquelas pessoas que sobrevivem do lixão. “O lixo atrai todos os tipos de germes e bactérias que, por sua vez, causam doenças”. Ora, se é dessa forma “sanitarista” que a maioria de nós percebe o lixo,

² “Ilha das Flores” ganhou vários prêmios internacionais, entre eles o Urso de Prata para curta metragem no 40º International Film Festival, Berlim, Alemanha, em 1990 (Casa do Cinema de Porto Alegre, 2013)

naturalmente ele será colocado em um lugar isolado, distante da sociedade, logo que “suja, cheira mal e atrai doenças”.

Neste documentário há uma frase – e uma das melhores definições sobre a nossa liberdade de decidir o que jogamos fora, portanto, aquilo que já não nos serve mais. Tudo isso retirado da decisão da dona de casa sobre um único tomate amassado:

Lixo é tudo aquilo que é produzido pelos seres humanos [...] e que, segundo o julgamento de um determinado ser humano, num momento determinado, não tem condições de virar molho (FURTADO, 1989).

É com esta finíssima ironia que o cineasta gaúcho Jorge Furtado realça o nosso tão insensato talento na realização de nossas escolhas diárias. O que nos diferencia de um mamífero como a baleia e um bípede como a galinha – narra o ator Paulo José - é o nosso telencéfalo altamente desenvolvido e o polegar opositor. É evidente que não somos baleias, tampouco galinhas. A ironia presente nesta passagem serve, justamente, para nos alertar sobre nossas capacidades reflexivas, coisa que nenhum outro animal possui, entre elas, descartar ou não o lixo nas ruas, afetando nossos espaços de convivência.

1.3 – Contando o lixo

Quem, apressadamente, julgar que o descarte de lixo é um problema apenas do bairro no qual realizei a pesquisa, será induzido ao erro. Um dos vilões eleitos devido à sua praticidade e fácil acesso é a sacola plástica. Produzida aos milhões, é difícil imaginar um domicílio brasileiro sem este item. Segundo o ANDIF (Instituto Nacional de Defesa do Consumidor do Sistema Financeiro), estima-se que no Brasil, o uso de sacola plástica seja de 41 milhões por dia, 1,25 bilhão por mês e 15 bilhões por ano.³

Com números dessa monta, também não é difícil imaginar os problemas causados pelo uso indevido das tais sacolas. Como forma de incentivar a reutilização das mesmas, o Ministério do Meio Ambiente, através de sua página oficial na grande rede de computadores, orienta os consumidores a utilizarem os 3R's: Reduzir,

³ANDIF. BARBOSA, Viviane. 2014. Disponível em <<http://andif.com.br/index.php?tipo=noticia&cod=128#.Wv-eSMQh3IV>> Primeiro acesso em Dez 2017

Reutilizar, Reciclar. Mas admite dificuldades em retirar esse “hábito antigo” dos brasileiros:

Usar sacolas plásticas como saco de lixo é um hábito antigo do brasileiro e não está errado: o saco plástico ainda é a melhor forma de acondicionar o lixo. No entanto, há alguns tipos de lixo que não precisam ser "ensacados", como é o caso dos materiais recicláveis (o lixo seco). Estes podem ser separados em caixas e depositados diretamente em coletores para recicláveis ou encaminhados a catadores e cooperativas. (BRASIL, Ministério do Meio Ambiente, 2018)

De acordo com levantamento divulgado pela Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE), a geração de lixo no Brasil aumentou 29% de 2003 a 2014, o equivalente a quase cinco vezes a taxa de crescimento populacional no período, que foi de 6%⁴. O crescimento populacional desordenado, a carência de políticas públicas voltadas para os maiores produtores de lixo e informar melhor a população sobre o descarte e reutilização do lixo, bem como, outros resíduos sólidos são alguns dos motivos que explicariam a existência de “sete mil toneladas de lixo irregular no estado do Rio de Janeiro”⁵.

1.4 - Descarte irregular de lixo, Desvio, Autocontrole e as Janelas Quebradas

É com a idéia de observar um cotidiano qualquer e tentar dar-lhe sentido, que surgem teorias. Assim, as teorias são uma tentativa de interpretar uma realidade. A realidade que escolhi pesquisar envolve um grupo de pessoas do bairro Porto Novo, São Gonçalo (RJ), que descartam seu lixo em um local inapropriado. Será que alguma teoria poderia explicar esse fenômeno?

Enquanto aluno do curso de Segurança Pública e Social, fui apresentado a uma gama de teorias sociais. A escolha de algumas delas para tentar compreender o

⁴ABRELPE. Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2015

⁵O GLOBO. GALDO, Rafael. Sete mil toneladas de lixo tem destino irregular no estado do Rio. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/sete-mil-toneladas-de-lixo-tem-destino-irregular-no-estado-do-rio-21779509>> Primeiro acesso em Jan 2017

meu problema/objeto de estudo, eventualmente, pode não significar a “Teoria de tudo”⁶, mas uma compreensão ao menos parcial do assunto. Nesse período de estudos, em inúmeras vezes me questionei como é possível vivermos em sociedade devido à complexidade de nossas relações humanas, que produz processos, que delimita comportamentos e o “desvio”.

Para Howard Becker, por exemplo, um indivíduo pode tornar-se um “desviante” por não saber quais são as “regras” de um determinado ambiente. Essa “ignorância”, associada a uma “subcultura particular”, fomentará o “desvio”.

Atos não intencionais de desvios provavelmente são explicados de maneira relativamente simples. Eles implicam uma ignorância da existência de regra, ou do fato de que ela é aplicada nesse caso, ou a essa pessoa particular. Mas é necessário explicar a falta de conhecimento. Como pode alguém saber que seu ato é impróprio? Pessoas profundamente envolvidas numa subcultura particular (como uma subcultura religiosa ou étnica) podem, simplesmente, não ter consciência de que nem todos agem “daquela maneira” e assim cometer uma impropriedade. Pode, de fato, haver áreas estruturadas de ignorância de regras particulares. (BECKER, 2008, p. 36)

Para o autor, somente será possível entender as escolhas de comportamento ou intenção de alguns indivíduos, a partir das interpretações que cada um faz do que conhece ou desconhece dos mecanismos de interação social em que se encontra envolvido, partindo do princípio que existam laços que o prendem a um determinado grupo social. Porém, este indivíduo não será “desviante” até que outro grupo o identifique como tal. No caso em estudo, o “desvio” é caracterizado por meio do descumprimento de normas do poder público, da Prefeitura de São Gonçalo (RJ), e seu Código de Posturas. Não é difícil perceber que um processo envolvendo vontades particulares e o Estado irá, em algum momento, gerar conflitos, pois as leis e as normas não atingem a todos.

O Código de Postura do Município de São Gonçalo (Lei 17/2003), em seu Art. 102, estabelece as seguintes proibições:

Lei 17/2003, Art. 102, I - despejar ou atirar detritos, impurezas e objetos sobre os passeios e logradouros públicos [...]VII - lançar quaisquer resíduos,

⁶“A Teoria de Tudo” adapta a obra biográfica “Travelling to Infinity: My Life with Stephen”, onde Jane Wilde Hawking descreve os seus anos ao lado de Stephen Hawking que produziu algumas teorias fundamentais da física moderna. A mais famosa é o teorema de singularidade. Nela, Hawking descreve a existência de um ponto com força gravitacional no centro dos buracos negros capaz de atrair qualquer coisa.

caixas, anúncios e envoltórios sobre as vias e praças públicas; VIII - queimar, mesmo nos próprios quintais, lixo ou outros materiais em quantidade que possa molestar a vizinhança (SÃO GONÇALO, 2003)

A multa para quem incorrer em quaisquer das infrações descritas acima é de 20 a 50 UFISG (Unidade Fiscal do Município de São Gonçalo), e conforme o Diário Oficial do Município, foi majorada em 17 de setembro de 2016 (Decreto 193/2016), passando para R\$ 33,52 (trinta e três reais e cinquenta e dois centavos)⁷

Regular ou normatizar condutas nem sempre garante sua efetividade. Pelo menos foi o que apontou este estudo. Nas entrevistas que realizei, todos os interlocutores admitem conhecer a lei e reconhecem que descartar lixo fora dos locais determinados pela prefeitura é errado. Porém, como não existe uma preocupação legítima por parte desta parcela da população gonçalense com o descarte irregular, afinal lixo é lixo, não há razões para se pensar o assunto, isto é:

Aquilo que se sabe quando ninguém nos interroga, mas que não se sabe mais quando devemos explicar, é algo sobre o que se deve refletir. E evidentemente algo sobre o que, por alguma razão, dificilmente se reflete (WITTGENSTEIN, 1989, p. 49).

Uma vez que tais regras visam atingir a todos e não conseguem, há uma “disputa” entre quem infringe a regra e as instituições governamentais que a impõem. Becker denomina esse segundo grupo de “empreendedores morais” e, geralmente contam com a ajuda de especialistas dos mais diversos campos – Direito, Medicina, por exemplo, reorientando hábitos e valores. Em outras palavras, o formal e o informal convivem com diferentes conjuntos de regras até que um desses lados “obtenha a vitória”⁸.

No caso em estudo, o Estado “ganhou”: existe o Código de Posturas. Mas então por que a proibição não produz eficácia? Na pesquisa que realizei não há nenhuma menção a multas recebidas pelo descarte ilegal de lixo por qualquer cidadão que desrespeite tal código. Assim, temos o Estado que estabelece a norma, porém

⁷Disponível em “http://www.saogoncalo.rj.gov.br/diario/2016_10_17.pdf”; Acesso em: 10/10/2017.

⁸(Op. cit, p. 15-16)

apenas “force” para que a mesma seja cumprida, uma vez que a figura do “impositor de regras” (fiscal de posturas), não existe local.

No livro “O Processo Civilizador”, Norbert Elias (1994) busca entender conceitos como cultura e civilização. Através de manuais de bons costumes e livros sobre o comportamento da sociedade alemã da época, o autor traça, historicamente, como nos tornamos “dóceis e controláveis”. Nossos instintos, de um momento histórico em diante, estariam fadados ao controle social. Para Elias, o conceito do que é ou não “civilizado” são fases do desenvolvimento da humanidade. Em maior ou menor escala, é este processo que determina o grau de controle sobre nossas “paixões”, tornando-nos seres “controláveis”. É a partir desse autocontrole que fazemos determinadas coisas, em detrimento de outras. Trazendo Elias para o meu problema de pesquisa, observo que mesmo com as normas da Prefeitura de São Gonçalo (RJ) e seu Código de Posturas, o indivíduo que descarta o seu lixo em lugar que ofende as regras de “posturas” do cidadão, talvez não tenha desenvolvido autocontrole, levando a crer que alguma etapa do “processo civilizador” não teria chegado até ele.

Tendo em vista as dificuldades de internalização de regras e de ação dos impositores de regras, acrescento também o controle sobre os pequenos deslizes não punidos. Para a Teoria das Janelas Quebradas, baseada no experimento⁹ do professor da Universidade de Stanford, Philip Zimbardo, a falta de controle sobre irregularidades levam ao descumprimento de faltas maiores. Seus teóricos, James Wilson e George Kelling, propõem que a desordem seria o principal fator para o aumento de delitos. Onde um indivíduo perceber que não existem “regras”, normas ou leis, será terreno fértil para a deterioração do lugar e o crescente desinteresse por aquele local. Tudo isso está associado à ideia de que, se não há manutenção e cuidados, este indivíduo pode “fazer o que bem quiser”, sem nenhum tipo de preocupação ou receio de que sofra alguma sanção (KELLING, WILSON, 1982).

O motivo pelo qual a teoria acima foi ventilada é que dois dos meus entrevistados a conheciam. Mesmo sem citar os autores, os entrevistados falaram sobre

⁹Foram deixados dois automóveis idênticos (mesma marca, modelo e cor), o primeiro em uma rua no Bronx, então uma zona pobre e conflituosa de Nova Iorque, e o outro em Palo Alto, zona rica da Califórnia. O carro abandonado no Bronx foi vandalizado e destruído em poucas horas. O segundo automóvel em Palo Alto, continuou intacto, mesmo após uma semana. Foi então que os pesquisadores resolveram quebrar uma das janelas do segundo carro. Então aconteceu o mesmo observado no Bronx: o carro foi destruído por grupos vândalos em poucas horas.

a teoria de forma geral, associando o problema de descarte irregular de lixo no bairro à “falta de pulso” do poder público. Um deles mencionou, inclusive, a intervenção militar no Estado do Rio de Janeiro¹⁰, como solução para o conflito aqui estudado: “Vê se lá (nas áreas ocupadas – grifo meu) eles jogam lixo nas ruas?”.

Embora possua muito das ideias de Becker sobre os “impositores morais”, entendo esta fala como relacionada à manutenção e cuidados com determinados locais. Meu interlocutor compara o nosso bairro a outro, ocupado pelas forças de segurança, onde em tese, seria mais difícil descartar lixo irregularmente já que existe uma “fiscalização” sobre este pequeno delito.

Embora eu não possua dados que corroborem ou invalidem o que estes moradores dizem, uma vez que não estudei as áreas afetadas pela ocupação e nem é esta a função desse trabalho, é preocupante perceber um avanço de ideias na direção de um Estado totalitarista.

Outro inconveniente na Teoria das Janelas Quebradas, proposto pelas lentes de Jacinto Coutinho e Edward Carvalho, é a questão da punição, ao invés da informação e reabilitação, e de como esses ensinamentos seriam passados para a população brasileira, visto que temos um grande déficit educacional:

Punindo o desordeiro, estar-se-ia estabelecendo um padrão, uma norma social com o recado do que é certo e do que é errado e de que este último não é aceitável numa sociedade "normal". Isso poderia ter, como argumento, alguma validade — mas não tem! — se houvesse perfeita transmissão e, nela, recepção, o que não ocorre nos EUA e muito menos no Brasil, onde a estatística oficial garante a presença, para começar, de dezessete milhões de analfabetos. (COUTINHO, CARVALHO, 2016)

1.5 – O Interacionismo Simbólico e a Eficácia Coletiva

Continuando a minha proposta de pesquisar sobre a dinâmica do descarte de lixo onde moro e como os moradores desta localidade interagem com esta realidade, George Mead e seu “Interacionismo Simbólico” faz-se fundamental. Na perspectiva de

¹⁰O presidente Michel Temer decretou no dia 16 de fevereiro de 2017, uma intervenção federal no Rio de Janeiro, devido à crise de segurança pública pela qual passa o estado.

Mead, os indivíduos possuem uma interpretação pessoal de coisas e pessoas com os quais se relacionam. De acordo com esta interpretação, seu comportamento individual o levará a situações bem específicas, uma vez que existe um “mundo particular”, construído com base em suas percepções do que “é este mundo”. Se não houver alguma identificação com algum elemento de “seu mundo”, este indivíduo não reconhecerá os símbolos externos (leis, normas e “regras”), e, portanto, não será passível de controle. (MEAD, 1992)

Em outras palavras, um indivíduo agirá (ou não), de acordo com a sua “régua” educacional, moral, ética, cultural. Logo, pessoas diferentes, atitudes e pensamentos diferentes. Tais “valores” são gerados diante dos mais variados sentidos dados pelo indivíduo a partir de suas interações com o meio em que vive. Uma sociedade ampla, no sentido de que cada um é responsável por seus atos, e restrita, na medida em que suas ações sociais são informadas a partir dos processos e interpretações fornecidos pela própria coletividade.

Para que haja um melhor entendimento, citarei um caso como exemplo. Vamos imaginar que existam dois vizinhos no seu bairro que possuam cachorros como animais de estimação. O primeiro, ao sair para passear com seu bicho pelo bairro, leva um saco de lixo pequeno para recolher uma eventual “sujeira” de seu animal. O segundo vizinho não se preocupa com isso e seu bicho de estimação segue deixando “surpresas” pelo caminho. Lembra do “pessoas diferentes, atitudes e pensamentos diferentes” no parágrafo acima? Embora vizinhos, seus comportamentos individuais são opostos, baseados no que cada um interpreta, fruto de suas relações sociais.

Ainda no campo da “interação”, porém com um foco na comunidade exercendo um tipo de controle sobre o “agir dos indivíduos”, temos a teoria da “Eficácia Coletiva” de Robert Sampson. A “Eficácia Coletiva” possui dois pilares: um que explica o grau de coesão social a partir de percepções de confiança entre os moradores (coletivo), e outro sobre o controle dos moradores diante de condutas consideradas impróprias (individuais), que o autor denomina de “reagir eficaz”. (SAMPSON, RAUDENBUSH, EARLS, 1997)

Seguindo essa teoria, as baixas taxas de crimes numa vizinhança seriam resultantes de um ambiente em que os moradores têm valores comuns compartilhados e, ao mesmo tempo, agem de forma a controlar as atividades locais. Este controle social informal ao nível da vizinhança seria mais bem

exercido quando houvesse maior interação e confiança entre seus residentes. (GANEM MISSE, 2013, p. 55)

Na teoria de Sampson é fundamental não perder de vista o entendimento do pesquisador em escolher, entre outras cidades, a Chicago nos Estados Unidos da América: os vizinhos se articulam e se mobilizam em uma “rede” que vai gerar, por sua vez, organizações socializadoras. Isso é crucial para o aprendizado, desta forma, produzirá a transmissão de experiências para os mais jovens. (ZALUAR, 2009)

A ideia de um grupo de vizinhos supervisionando uns aos outros, produzindo o que Sampson chama de “coesão social positiva” não funcionaria no Porto Novo (SG) bairro em que conduzi este estudo. Para que exista a “coesão social” defendida pelo autor é necessária maior interação entre os moradores. É através dessa interação que se produz confiança.

Nesta área a desconfiança é a principal “moeda de troca”. Experimentei-a pessoalmente ao tentar entrevistar os moradores locais. É difícil avaliar se esta desconfiança é consequência da desorganização social do lugar, gerando esse afastamento entre vizinhos, ou se apenas reflete a pesquisa realizada pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), em 2014. Segundo esta análise, a desconfiança influenciaria as relações interpessoais dos brasileiros. O estudo apontou, entre outros dados, que 62% dos brasileiros dizem ter pouca ou nenhuma confiança em seu semelhante e 82% acreditam que a maioria só quer levar vantagem. (CNI-IBOPE, 2014).

Finalizando esta parte teórica, a multiplicidade de conceitos e termos é empregada aqui com a finalidade de compreender os processos que levam algumas pessoas a reagirem de forma diferente a um mesmo estímulo, no caso em estudo, o descarte irregular de lixo no bairro onde moro. Durante esse período de pesquisa, observei complexidades que nem sempre estão no “Manual do Pesquisador”. Dessas possibilidades, retirei os fragmentos acima na tentativa de explicar a pluralidade de nossas vidas em sociedade.

CAPÍTULO 2 - O campo

*“O campo de asfalto
O campo do mato
O campo sem dono
O campo cercado
O campo negro
O campo caboclo
O campo de barro
O campo capim [...]
O campo de areia da beira do mar
O campo come
O campo clareia”¹¹*

“Campo é o corpo” (Lira/Dan Maia), 2017

Descrever as experiências “do campo” tornou-se uma das muitas maneiras de organizar minhas ideias. A cada passo dado na direção de uma entrevista ou na busca de informações sobre o tema que ora desenvolvo, outros surgiam e me obrigavam a investigar mais e mais o assunto. Dessa maneira, o meu “caderno de campo” era qualquer coisa que tivesse à mão (notebook, celular, caderno do período letivo, blocos de notas, entre outros), para registrar e, posteriormente, lembrar por quais caminhos uma informação foi relevante para a pesquisa.

Optei neste trabalho por descrever e comentar individualmente cada uma das entrevistas. Nas conversas que tive com os entrevistados, não foram poucas as vezes que o assunto mudou de foco. Como era eu a entrar em suas casas, as nossas motivações eram diferentes. Muito dos assuntos que eram trazidos à tona ali tinham pouco (ou quase nada) a ver com meu objeto de pesquisa, porém compaciência, “tato” e muito jeito, pude retornar ao assunto pesquisado.

Um ponto que merece algumas considerações é sobre a questão da “confiança”: uma parte das pessoas com as quais falei mostraram-se reticentes ou desconfiadas, mesmo eu me identificando como estudante universitário. “Você é jornalista?”, “Você é da prefeitura?”, “Você é da polícia?” foram algumas das

¹¹Esta música é resultado de uma parceria entre o cantor pernambucano Lira e o músico mineiro Dan Maia, para homenagear a inauguração do Campo Dr. Sócrates, na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), Região Metropolitana de São Paulo (SP), 2017.

indagações mais ouvidas por mim. Em alguns casos, pude perceber certa “frustração” do entrevistado por não pertencer a nenhuma das corporações mencionadas.

Apesar de morar no local há alguns anos, não conhecia nenhum dos meus entrevistados. Descobri, por conta deste trabalho, que mesmo residindo a algumas dezenas de metros de meus interlocutores, estes não eram vizinhos conhecidos. Eu morei durante quase trinta anos em Niterói, cidade vizinha a São Gonçalo, no mesmo estado, e por lá está toda a minha família, de forma que todo e qualquer evento social, como aniversários ou datas comemorativas, provoca o meu deslocamento para aquela cidade vizinha. Considero-me uma pessoa bem comunicativa e capaz de estabelecer um diálogo amistoso com os mais diversos tipos de pessoas sem nenhum tipo de problema. Talvez essa habilidade tenha surgido com o desempenhar de minhas atividades, administrando supermercados, restaurantes e afins. Assim, lidar com o público desconhecido nunca foi problema para mim. Então, onde estaria a dificuldade de me relacionar com as pessoas desta área na qual eu vivo?

Acredito que parte do “problema” resida no fato de eu não beber. Identifico no bairro em estudo um grande número de “barzinhos”. A frequência destes locais é formada por uma diversidade de pessoas que, além de beberem, obviamente, ouvem músicas que refletem essa pluralidade – samba, pagode, sertanejo, forró.

Isso me traz outro inconveniente na busca de uma possível socialização, pois eu ouço um estilo de música que não é muito popular, não somente em São Gonçalo, Niterói e, arrisco dizer, no Brasil – Heavy Metal. No Heavy Metal existe uma lista interminável de estilos e os meus preferidos são o “Thrash Metal” e o “Black Metal”¹².

Para além da desconfiança dos meus vizinhos, a minha maior dificuldade em relação ao “campo de pesquisa” foi manter certa distância do objeto em estudo. Moro no local há mais de dez anos e, embora o descarte de lixo irregular me causasse algum incômodo, foi necessário um distanciamento para entender as atitudes dos moradores. Gilberto Velho nos explica que:

¹²As experiências mais comuns que tenho ao “apresentar” uma música a um desconhecido, em qualquer dos dois estilos acima, vão desde a absoluta perplexidade até frases do tipo: “Isso é musica de maluco!”, “Como você consegue entender o que eles estão dizendo?” e “Isso não é de Deus, não...”. De qualquer maneira, só ouço tais músicas quando estou sozinho em casa e com fones de ouvido, talvez para evitar o “estigma”.

Podemos estar familiarizados com certa paisagem social, mas não significa que se compreenda a lógica de suas relações. Há dificuldades na análise do que é familiar: classificação e rotulação de acordo com os princípios nos quais fomos socializados. (VELHO, 1980, p. 08)

Para compreender essa “lógica de relações”, o caminho foi longo. A princípio, criei um questionário com dez perguntas. Ali, imaginei que estaria de posse de uma ferramenta capaz de me ajudar a explicar, através das respostas dos moradores, o descarte irregular de lixo em nosso bairro. Ledo engano... mesmo me identificando como aluno da Segurança Pública e Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), os moradores não quiseram responder à pesquisa. Cheguei a cogitar que fosse por conta de minha aparência. Piadas à parte, o primeiro autor que me veio à mente foi Clifford Geertz, bem mais importante que eu, passando pelo mesmo problema, enquanto tentava estudar a sociedade balinesa e era, peremptoriamente, ignorado por aqueles nacionais. Isso só mudou depois de um incidente envolvendo brigas de galos em praça pública, os aldeões e a polícia local.¹³Eu não queria chegar a tanto...

A alternativa a esta tentativa frustrada foi pensar em outro método que me permitisse uma melhor abordagem. Neste ponto, um antigo morador da mesma rua que tentei as entrevistas me “apresentou” a algumas pessoas que ele julgou “interessadas em me ajudar”. Pai de uma jovem que ficava sob minha supervisão há alguns anos atrás, quando gerenciava um restaurante em São Francisco, Niterói (RJ), não o conhecia. No sábado, por volta das dez horas da manhã, enquanto tentava entrevistar alguns moradores da rua paralela à Travessa Maria da Conceição, a jovem atendeu e me reconheceu imediatamente. Entre perguntas e respostas sobre o que estava fazendo ali, seu pai surge e sou apresentado ao restante da família. Guardei os questionários que trazia e conversamos até um pouco antes da hora do almoço. Ouvi, com a máxima atenção, histórias sobre o bairro, sobre ele e sua família. Retornei outras vezes para visitá-lo e ele me acompanhou “abrindo algumas portas”¹⁴. Não fosse por ele, a pesquisa, certamente, levaria mais tempo. Refiz as perguntas, com a contribuição

¹³Geertz e sua esposa correm da polícia junto com os aldeões e na mesma direção. Este episódio faz com que os balineses os reconheçam como um “igual”. A partir daí, a sociedade balinesa “se abre” para o antropólogo. (GEERTZ, 2008, p. 185-188).

¹⁴“Ametista” esteve presente em todas as entrevistas com os moradores do bairro. Ele me orientava quais moradores da Rua José Salli eu deveria procurar e que estariam dispostos a colaborar com as entrevistas para este trabalho. A única entrevista na qual ele não esteve presente foi a realizada em meu apartamento com o subsíndico.

sempre oportuna de meu orientador, e segui seu conselho: “Deixe as pessoas falarem”. De posse de um novo questionário, semiestruturado e com menos perguntas, os entrevistados falaram. O “campo”, finalmente, resolveu “conversar comigo”.

Outra adversidade que tive que superar foi a de tentar falar com os funcionários da empresa terceirizada que recolhe o lixo de nosso bairro. Eles realizam o serviço de coletado lixo de nossa rua três vezes por semana, porém não o fazem em um horário fixo. Dessa maneira, nossos horários eram desencontrados: em grande parte das vezes eu estava na faculdade, trabalhando ou dormindo quando eles passavam. Quando, finalmente, consegui encontrá-los, foi extremamente rápido. O motorista respondia às minhas perguntas enquanto operava uma série de alavancas e botões que controlavam a compactação do lixo na caçamba do caminhão. Apesar de tudo, consegui dele informações relevantes para esta pesquisa.

Simultaneamente aos acontecimentos descritos acima, fotografei o local onde as pessoas descartavam o lixo irregularmente por diversas vezes. Desde a escolha do tema, passando pelo projeto de pesquisa e chegando à monografia, as fotografias tornaram-se uma poderosa ferramenta para ilustrar uma espécie de “antes e depois”: a prática dos moradores descartando irregularmente o lixo versus a ação da Prefeitura de São Gonçalo, recolhendo os diversos tipos de materiais ali jogados. Inclusive, uma das sugestões do meu orientador foi fotografar o local durante um desses incêndios, porém devido ao incidente descrito na introdução desse trabalho, os incêndios diminuíram a ponto de, desde dezembro de 2017 até a presente data, eu não conseguir registrar mais nenhuma ocorrência.

IMAGEM 1

Muro do condomínio Porto Novo antes da coleta – São Gonçalo/RJ



Fonte: Arquivo pessoal – Foto Capturada em 28/05/2018.

Acima, uma das diversas fotografias que tirei do local, objeto de estudo deste trabalho. Pedacos de telhas, galhos de árvores, móveis, colchões, entulhos, além de sacolas plásticas e sacos de lixo compõem o cenário.

IMAGEM 2

Margem do Rio Marimbondo antes da coleta, Porto Novo – São Gonçalo/RJ



Fonte: Arquivo pessoal – Foto Capturada em 28/05/2018.

O problema atinge com força semelhante o Rio Marimbondo, que sofre com todo tipo de agressões ambientais, visto que atravessa o bairro do Porto Novo (SG). O descarte irregular de lixo - entulhos, galhos secos e sacolas plásticas - faz o rio ser chamado de “valão”.

IMAGENS 3 e 4

Muro do Condomínio e Margem do Rio Marimbondo após a coleta de lixo, Porto Novo – São Gonçalo/RJ



Fonte: Arquivo pessoal– Foto Capturada em 11/05/2018.

As fotografias acima foram tiradas após a realização da limpeza por parte da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo em 11 de maio de 2018. Ao fundo temos moradores em sua rotina de buscar os filhos no colégio. É preciso observar que no intervalo de tempo de dezessete dias, construiu-se o cenário das Imagens 1 e 2. Acredito que, ao compartilhar estas fotografias, estou descrevendo uma parte do campo de pesquisa.

Aqui, preciso registrar as dificuldades de se obter informações de um ente público. Eu compreendo que gerir uma sociedade não é tarefa fácil e requer do Estado planejamento, estratégia e constante aperfeiçoamento. No caso brasileiro a dificuldade aumenta na medida em que esta ingerência sobre a sociedade é lenta, confusa e pouco difundida. A burocracia estatal, que deveria ajudar e informar o cidadão sobre seus direitos e deveres, acaba por impor um conjunto de regras desconhecidas e, portanto, ineficazes. “É comum acontecer de, quando procuramos uma instituição pública, nos depararmos com uma prestação de serviços muito diferente de nossas expectativas.” (BRITO, 2013, p. 12).

Estive por duas vezes na Prefeitura de São Gonçalo (RJ). Na minha primeira visita, me indicaram uma sala sem nenhuma identificação, como sendo a sala da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo. Fiquei esperando me chamarem em um corredor longo e, pouco tempo depois, um senhor sem identificação me chamou. Apresentei-me, disse que era um aluno da UFF que estava pesquisando sobre o descarte irregular de lixo no bairro Porto Novo (São Gonçalo). A impressão que tive foi de que ele queria “se livrar de mim”, com respostas monossilábicas, visando acabar com a conversa o mais rápido possível.

E não é que ele conseguiu? Em menos de cinco minutos, deixei o prédio da prefeitura, não sem antes lhe agradecer pelo pouco tempo cedido. Como não obtive os resultados que esperava quando dessa primeira visita, planejei voltar outro dia.

A minha segunda vez visitando a Prefeitura de São Gonçalo (RJ) foi mais promissora. Em uma sala pequena, com uma mesa e duas cadeiras à frente, fui recebido por um funcionário identificado, não sem antes perceber uma enorme fila com “banners” explicativos sobre incentivos a pagamentos com desconto para IPTU em atraso. Apesar de não autorizar a gravação da entrevista, conversamos por,

aproximadamente, quinze minutos. De posse das anotações de nossa conversa, agradei e deixei o local.

2.1. Descartando e pondo fogo no lixo

Especificamente, na altura do número 1207 da Rua Maria Rita, no bairro Porto Novo, São Gonçalo (RJ), um muro de, aproximadamente, cento e vinte e cinco metros cerca o condomínio de mesmo nome e margeia o Rio Marimbondo. Neste local, a atividade de descarte de lixo irregular me chamou atenção: móveis velhos (sofás, camas, estantes, cadeiras, mesas), galhos de árvores e entulhos de pequenas reformas são amontoados juntos ao muro. A partir do acúmulo desses materiais, outra dinâmica se estabelece: 1 - Um indivíduo põe fogo nesse amontoado de coisas. 2 - A fumaça tóxica, espalhada pelo vento, encobre edifícios e casas. 3 - Os moradores atingidos pela coluna de fumaça tóxica reclamam. Não é incomum acontecer de diversos moradores do condomínio saírem com seus filhos, na tentativa de evitar intoxicações.

IMAGEM 5

Mapa parcial da Rua Maria Rita/Trv. Maria da Conceição - Porto Novo (SG) - RJ



Fonte: Google Maps

No círculo em amarelo da Imagem 5, temos o local onde se inicia o fogo, bem na esquina da Rua Maria Rita com a Travessa Maria da Conceição. Na seta vermelha, temos a direção tomada pela coluna de fumaça e que se espalha ao sabor do

vento. No local não há barreiras contra o vento norte/oeste que vem da Baía de Guanabara (cruzando a Rodovia BR 101)¹⁵.

As janelas dos quartos do apartamento do “Bloco I” dão para o local onde ocorrem os incêndios e são as primeiras a receberem a fumaça. Em certo dia do mês de setembro de 2017, de madrugada, acordo com os gritos de meu vizinho alertando um indivíduo para que este não colocasse fogo no lixo. Fui até a janela, com o objetivo de fechá-la e acompanhei o desfecho da discussão. Como resposta, recebeu palavras de baixo calão de quem tentava atear o fogo. O vizinho desapareceu por alguns instantes de sua janela e, quando reapareceu, disparou, com uma arma de fogo, três vezes, na direção do indivíduo “incendiário”, que saiu correndo. Ninguém se feriu, porém os incêndios diminuíram em quantidade nos meses que se seguiram a esta cena.

Apresentada a dinâmica do descarte de lixo e as leis que a proíbem, faço os seguintes questionamentos que guiam as discussões e as entrevistas: por que os moradores desta localidade escolhem as margens do rio e o muro do condomínio para descartarem seu lixo? De onde surgiu a “regra” de que esses seriam locais apropriados para o descarte de lixo?

¹⁵ Isso me torna com certa frequência um tipo diferente de frequentador de diversos churrascos, mesmo estando a centenas de metros de distância de onde acontecem tais eventos. Mas nem todos tratam o assunto com essa dose de humor.

CAPÍTULO 3 – Coletando algumas pedras preciosas

“- Olá! Como vai?
- Eu vou indo. E você, tudo bem?
- Tudo bem! Eu vou indo,
correndo pegar meu lugar no futuro...
E você?”
(Sinal fechado, 1970)

Para este trabalho realizei quinze entrevistas, a saber: onze com moradores do bairro Porto Novo (SG), duas com funcionários da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo de São Gonçalo (RJ), uma com o motorista da companhia terceirizada, encarregado de recolher o lixo do bairro e uma com o subsíndico do prédio onde moro.

Todas as entrevistas foram realizadas com perguntas semi-estruturadas. O propósito, neste caso, destinava-se a dar maior liberdade aos entrevistados quanto às suas respostas. Segundo Minayo, este tipo de abordagem em entrevistas privilegia a obtenção de informações através da fala individual, revelando condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmitindo, através do interlocutor, representações de determinados grupos. (MINAYO, 1994)

Apesar de me utilizar deste método, admito alguma dificuldade, pois foram muitas as informações transmitidas pelos meus entrevistados e que nem sempre coincidiam com o objeto deste estudo.

Devido às características particulares de cada um dos entrevistados - a prefeitura só atende durante os dias úteis e o subsíndico somente estava disponível nos fins de semana, por exemplo - as entrevistas não foram realizadas com a linearidade que planejei e sim aproveitando as oportunidades que surgiam à minha frente. Dessa maneira, alinhei-as conforme o meu entendimento, visando compor a melhor narrativa, dentro da proposta deste trabalho.

Na medida em que estes personagens forem apresentados, darei mais detalhes sobre suas entrevistas – quando foram feitas, de que forma, quais foram gravadas, quais foram anotadas ou realizadas informalmente.

Em pesquisas científicas, deve ser adotado um procedimento ético, segundo o qual a identidade dos sujeitos entrevistados não é revelada em casos que possam expô-los. Neste trabalho, procurei preservar os entrevistados, trocando seus verdadeiros

nomes por outros, fictícios. No presente estudo, utilizarei nomes de pedras preciosas para designar meus entrevistados e no meu caso, serei identificado como Estudante.

3.1 – As entrevistas com funcionários da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo

3.1.1 - Turquesa

Na busca por informações para este trabalho, meu primeiro objetivo foi obter falas oficiais da prefeitura sobre a coleta regular de lixo no bairro do Porto Novo, São Gonçalo (RJ) e se o órgão responsável tinha conhecimento do problema sobre o descarte irregular de lixo no muro do condomínio e nas margens do rio Marimbondo.

Assim, em outubro de 2017 dirigi-me à Prefeitura de São Gonçalo (RJ). No local, após me informar com um rapaz que organizava a fila para pagamentos de IPTU's atrasados, fiquei diante de um senhor sem identificação visível. Avalio, pela sua aparência, que teria não mais que 50 anos. Acompanhei este senhor até uma sala igualmente sem identificação e, ali, realizei a entrevista. Cumprimentando-o, me identifiquei e expliquei a razão de estar ali. A gravação não foi autorizada e registrei nossa conversa em um bloco de notas que levava dentro de minha mochila. Abaixo, transcrevo as informações verbais cedidas por este funcionário não identificado da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo:

Estudante – Como é organizada a coleta de lixo no bairro do Porto Novo em São Gonçalo?

Turquesa – A terceirizada recolhe o lixo três vezes por semana.

Estudante – Vocês possuem a informação de que existe descarte irregular no muro do condomínio e nas margens do rio no bairro do Porto Novo?

Turquesa – Sim.

Estudante – E qual é o procedimento para recolher o lixo de lá?

Turquesa – O motorista do “caminhão do lixo” é que diz...

Estudante – Não existe um fiscal da prefeitura para isso?

Turquesa – Não. Aqui não existe isso.

Estudante – E depois da informação, o que é feito a partir dela?

Turquesa – Enviamos um outro “carro” e uma retro escavadeira para recolher os excessos.

Estudante – O que seriam esses excessos?

Turquesa – Galhos, entulhos e móveis velhos.

Nossa conversa não durou cinco minutos. O seu desconforto era nítido ao ver que eu anotava as respostas que ele fornecia. Eu não posso imaginar outro motivo que não esteja ligado ao que O'Donnel (1991) enxerga como sendo uma das características da “democracia delegativa”, onde a idéia de prestação de contas ou *accountability* é vista como um impedimento desnecessário ao exercício de autoridade.

Na nossa conversa, o funcionário da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo admite conhecer o problema que ora estudo e que o procedimento para a limpeza do local depende de outra informação, fornecida pelo motorista do caminhão da empresa terceirizada. Somente após este aviso é que um caminhão e uma retro escavadeira serão deslocados para o local, objetivando limpá-lo, uma vez que o caminhão da terceirizada não recolhe galhos de árvores, móveis velhos e entulho. Também indaguei sobre a existência de um “fiscal de posturas” e sua resposta foi negativa neste sentido: “Aqui não existe isso”.

O fato da Prefeitura de São Gonçalo (RJ), saber do descarte irregular de lixo nas margens do Rio Marimbondo e no muro do condomínio onde moro não me causou surpresa, uma vez que a limpeza é feita com intervalos de tempo irregulares. Mas o fato disto estar naturalizado como procedimento administrativo, sim. Desse ponto de vista, não faz sentido criar regras e leis que proíbam determinado ato, se o ente público respalda as atitudes dos moradores na direção oposta.

Na minha avaliação, a entrevista foi muito curta, apesar de esclarecer o que eu perguntei. De modo que retornei para uma segunda entrevista, na expectativa de melhores informações.

3.1.2 - Topázio

Só pude retornar Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo em novembro de 2017. Basicamente, fiz as mesmas perguntas feitas anteriormente e, desta vez, o funcionário estava identificado. Levado a uma sala diferente da primeira, com um móvel cheio de papéis em cima e duas cadeiras, expliquei os motivos de procurar a Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo anteriormente. Como ele não autorizou a gravação de nossa conversa, anotei as suas observações no mesmo bloco da entrevista

anterior. Aparentando não ter mais que 35 anos, Topázio foi bastante receptivo e sentado à minha frente, começamos a entrevista.

Estudante – Como é organizada a coleta de lixo no bairro do Porto Novo em São Gonçalo?

Topázio – Como o meu parceiro já deve ter te dito, a gente recolhe o lixo de toda São Gonçalo três vezes na semana. Alguns lugares não chega a isso. Mas a gente faz o que pode...

Estudante – Vocês possuem a informação de que existe descarte irregular no muro do condomínio e nas margens do rio, lá no Porto Novo?

Topázio – Olha, irmão, esse problema é antigo, viu? Tenho um amigo que mora por lá e ele sempre mexe comigo sobre esse assunto. Chato, né?

Estudante – O seu colega me disse que é o motorista do caminhão da terceirizada que informa a vocês sobre os excessos...

Neste ponto ele me interrompe:

Topázio – Que nada! Não estava dando certo. O cara não deixava nada escrito, nenhuma anotação. Nadinha!

A primeira informação importante para este trabalho é a confirmação, feita por dois funcionários diferentes, de que a prefeitura sabe do problema do descarte irregular de lixo no local e que “faz o que pode” devido às restrições orçamentárias do município.

A fala de que o motorista do caminhão seria o responsável por informar sobre a necessidade de uma ação daquele órgão, visando a limpeza do local foi confirmada por dedução: ele deveria fazer, porém não o faz da forma correta.

Prosseguindo com seu relato, o assunto agora é uma possível iniciativa daquele órgão, na tentativa de minimizar o problema:

Estudante – Existe alguma iniciativa educacional por parte da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo para aquela área?

Topázio – A prefeitura não tem dinheiro para investir nisso, não. Quando esse novo prefeito entrou, já pegou um monte de problemas da administração passada. A dívida com as empresas de lixo foi uma “briga de foice no escuro”¹⁶! O Estado está falido, meu senhor.

Estudante – Então uma campanha educativa, neste sentido, está fora dos planos?

Topázio – Não digo fora dos planos. Mas agora é impossível. A gente faz um mínimo para manter isso aqui funcionando. Não é só no seu bairro, não - está em todo lugar – isso é quase uma epidemia de dengue. Você já reparou nas praças depois das festas? Uma “sujeirada” só. Ninguém liga para jogar lixo

¹⁶ Expressão utilizada para explicar determinada situação onde todos podem sair feridos

na rua. Ninguém se preocupa com o que acontece na “chubarada”. Depois ficam reclamando, como se a culpa fosse somente da gente. Não estou dizendo que somos perfeitos (longe disso), mas a galera bem que podia ajudar, né?

Quando indagado sobre “ações educativas” por parte da prefeitura visando conscientizar os moradores sobre o descarte irregular de lixo, a resposta foi negativa, ao menos por enquanto. Segundo o funcionário, “o Estado está falido” e existe dificuldade para realizar pagamentos referentes à gestão anterior.

Ele alega que o problema não é exclusividade do bairro do Porto Novo e que toda São Gonçalo enfrenta problema semelhante, “não importando a classe social que pertença o indivíduo”. Na sua visão, um cidadão que possua “melhor condição social” deveria ter maior “senso de coletividade”. Ao contrário, é justamente essa condição privilegiada que faz com que esse indivíduo não se veja como parte desse coletivo – e prossegue – é a condição social do indivíduo que o permite “escolher” entre o que deve e o que pode fazer.

Como gestor e de forma generalizada, Topázio divide uma parcela da culpa do que acontece em relação ao descarte irregular de lixo nas ruas com a população de São Gonçalo (RJ). Admite que o Estado revela-se incapaz de fazer tudo e que precisa de ajuda dos moradores:

Estudante – Ajudar em que sentido?

Topázio – Começando por jogar o lixo no lugar certo. Mas brasileiro é “bicho ruim”¹⁷, não liga pro próximo. Quer mais que o “circo pegue fogo”¹⁸ mesmo. E não é só quem é f*****, não. O que tem de gente com dinheiro e é porco, não “tá no gibi”¹⁹.

Estudante – Então o senhor considera que a condição social não altera as atitudes do sujeito?

Topázio – Nada. Nadinha! Às vezes, só piora. Tem gente que se acha melhor do que os outros só porque tem uma “condição”²⁰ a mais. E isto autoriza o cara a fazer o que quer. O pior é que a gente dá valor a isso. Parece que tudo por aqui sempre vai “rolar”²¹ por conta desse ponto: condição social. Quem tem, tem. E quem não tem, faz o que?

¹⁷ Expressão usada aqui como sinônimo daquele que é mau.

¹⁸ Expressão utilizada para identificar pessoas que torcem para que as coisas dêem errado.

¹⁹ Expressão usada para descrever algo que só deveria acontecer na ficção.

²⁰ Gíria usada para descrever a classe social de alguém.

²¹ O mesmo que “acontecer”

Novamente, Topázio argumenta que possuir “melhores condições” não garante, necessariamente, melhores atitudes. Ao contrário, essa melhor condição apenas reforça uma má educação. Neste sentido, defende Topázio, quem descarta irregularmente lixo no bairro em estudo ou em qualquer outro lugar de São Gonçalo, sabe que não sofrerá nenhum tipo de sanção e por conta disto, seguirá cometendo irregularidades.

Relacionando esta fala de Topázio com as críticas feitas à Teoria das Janelas Quebradas por Jacinto Coutinho e Edward Carvalho²², onde “as pedras jogadas viriam de dentro de nossa própria construção”, me baseio neste depoimento sobre desigualdades sociais para observar que as pedras que quebram nossas “janelas” não vêm somente de dentro de nossas construções sociais, mas fundamentalmente, de cima.

3.1.3 – Esmeralda – o motorista do caminhão da companhia terceirizada

O motivo do motorista do caminhão da terceirizada figurar neste capítulo é que mesmo não sendo um funcionário direto da Prefeitura de São Gonçalo (RJ), e sim prestador de serviços, Esmeralda é, na minha avaliação, parte da estrutura da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo do município. De outra maneira, ele ficaria “avulso”, pois também não poderia considerá-lo como “vizinhança”.

A entrevista abaixo foi a primeira que realizei e foi um “golpe de sorte”: eu estava chegando da universidade, por volta das onze da noite, e vi o caminhão parado, recolhendo o lixo do condomínio onde moro. Julguei que seria uma boa oportunidade para falar com o motorista do caminhão, porém a única informação relevante para este estudo foi a de que aquele não era o caminhão responsável por recolher o lixo deixado na Travessa Maria da Conceição de forma irregular:

Estudante – Há quanto tempo o senhor trabalha nesta terceirizada?

Esmeralda – Mais ou menos dois anos.

Estudante – O que o senhor fazia antes de trabalhar aqui?

Esmeralda – Eu era motorista de ônibus. Fiquei desempregado e acabei vindo pra cá.

²² Op. cit. (2016)

Estudante – É este caminhão que também recolhe o lixo da rua ao lado?

Esmeralda – Não, senhor. Eu só recolho lixo “normal”. Não carrego entulho e móveis. Não tem como.

Enquanto falava comigo, o motorista mexia em muitas alavancas e botões para compactar o lixo na caçamba do caminhão. Avaliei que estava atrapalhando e resolvi encerrar a entrevista, agradecendo. Na cronologia das entrevistas, ele foi o primeiro. Dessa maneira, não havia como confrontar as informações dos funcionários da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo - de que ele seria o elo de informações sobre o lixo irregular no muro do condomínio e na margem do Rio Marimbondo. Depois deste dia, não encontrei mais o caminhão devido aos seus horários irregulares.

3.2 – As entrevistas na vizinhança

3.2.1 – Opala

A entrevista abaixo foi a última das onze que fiz na vizinhança onde ocorre o descarte irregular de lixo. Mesmo com as perguntas semi estruturadas, chega um momento que as respostas tendem a se repetir na direção do objeto pesquisado. Dessa maneira e visando tornar a leitura deste documento mais dinâmica, escolhi a entrevista de Opala como sendo a representação das demais.

Fui até sua casa na companhia constante de Ametista que, volto a frisar, foi de grande importância para me apresentar à vizinhança local. De todos os entrevistados que não autorizaram a gravação, foi o único a não se importar se seria ou não identificado pelo verdadeiro nome na pesquisa. Ainda assim, seguirei o protocolo e continuarei identificando minhas fontes como pedras preciosas. Aparentando ter pouco mais de vinte anos, Opala me cedeu o seguinte depoimento, ao lado de sua companheira.

Estudante – Você acredita que há lugares adequados para o descarte de lixo e entulho na vizinhança?

Opala – Por aqui? Não. Nunca houve.

Estudante – Aonde as pessoas normalmente descartam lixo e entulho na vizinhança?

Opala – Sinceramente? Em qualquer lugar. Se as pessoas daqui pudessem, deixavam o lixo na própria sala.

No depoimento de Opala, identificamos que no nosso bairro não existe um local adequado para o descarte de entulhos e por conta disto, os moradores o fazem de maneira desordenada, isto é, descartam irregularmente em “qualquer lugar”. E continuando seu depoimento:

Estudante – Na hipótese de uma reforma em seu imóvel, onde colocaria o entulho da obra? Acredita que o seu vizinho faria o mesmo? Por quê?

Opala – Onde desse pra colocar. Meu vizinho jogaria em qualquer lugar, não tem jeito... Quem tem R\$ 100,00/150,00 (cem/cento e cinquenta reais), para pagar numa caçamba? Com a situação que está... A situação anda feia pra todo mundo.

Uma informação relevante que Opala forneceu é quanto ao preço das caçambas de entulho. A totalidade dos meus entrevistados considerou alto o preço cobrado pelas empresas que fornecem tal serviço. O preço inibidor, para esta parcela da população, transforma este serviço em algo dispensável e capaz de estimular o descarte irregular de lixo junto ao muro do condomínio e à margem do rio.

Estudante – Em sua opinião, por quais motivos as pessoas deixam ou descartam lixo na esquina do condomínio e à margem do rio?

Opala – Essa é fácil: porque a prefeitura recolhe, ué... Imagina se não recolhe? Lembra do “fumacê”²³ que fica quando botam fogo naquela merda toda?

Outro ponto que merece atenção é a associação que o entrevistado faz entre o recolhimento do lixo pela prefeitura e o contínuo descarte no local. De certa forma, a fala de Opala confirma os procedimentos da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo. Isso me fez recordar um slogan famoso no mundo do marketing: “Vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais?”²⁴. É com o pensamento voltado para meu problema que me pergunto: os moradores deixam o lixo naquele local porque a prefeitura recolhe ou é justamente porque a prefeitura recolhe é que eles deixam o lixo?

²³ Apelido dado aos carros oficiais da Secretaria de Saúde no combate à dengue e outras epidemias em nosso estado. Enquanto o automóvel circulava pelo bairro, borrifava-se o inseticida.

²⁴ Slogan do biscoito Tostines, exibido em comerciais na década de 80.

Outra informação que não pode ser esquecida é sobre os incêndios. Coincidência ou não, pararam após o incidente descrito na introdução deste trabalho. Através da ajuda de Ametista, consegui entrevistá-lo.

3.2.2 - Diamante

A entrevista com Diamante foi especial por vários motivos. O primeiro é que, através das informações dadas por Ametista, sabia que ele era o “incendiário” e não haveria necessidade de maiores “rodeios”. Inclusive, foi o próprio que combinou com Ametista a minha ida até sua casa. O segundo é que esse cidadão parece ter saído de um conto machadiano: por mais que eu me empenhasse, precisaria de mais tempo para decifrá-lo. O terceiro foi a confiança construída entre mim e Ametista neste período, possibilitando essa conversa entre um cidadão que atua, de certa maneira, “nas sombras”:

Estudante – Há quanto tempo o senhor mora no Porto Novo?

Diamante – Olha, tem tempo, viu? Uns quarenta anos, por aí.

Estudante – O senhor sabe que estou pesquisando sobre o problema do lixo no muro do condomínio e nas margens do rio... (Ele me interrompe)

Diamante – Sim. Ametista me falou que você vinha... Conheço ele há muitos anos.

Estudante – Então, volta e meia punham fogo no lixo e ele me disse que era o senhor. Daí, eu gostaria de saber quais são suas motivações?

Diamante – Em primeiro lugar, sempre “rolava uma graninha boa”²⁵. Depois tem o negócio da “mosquitada”. A fumaça afugenta eles.

Além da motivação financeira, Diamante acredita que suas atitudes são nobres. Ele “colabora” para afugentar os mosquitos da área. O tom humorístico com que encara a dificuldade para se obter o combustível para realizar sua tarefa nos revela uma ingenuidade quase infantil.

Estudante – Então o senhor recebia dinheiro para por fogo no lixo?

Diamante – Recebia, claro! Até pra poder comprar “as coisas” pra pôr fogo, né?

²⁵ Expressão equivalente a “envolver certa quantia em dinheiro”

Estudante – Que tipo de coisas?

Diamante – Primeiro eu usava gasolina num frasco de “Avanço”²⁶. Ficou cara. Depois eu usei álcool. Ficou caro. Passei a usar “thinner”²⁷. Ficou caro. Agora eu compro um pacote de velas bem baratinha... Taco fogo e “ralo peito”²⁸.

Acredito que um ponto que merece ser abordado é sobre a “demanda pelo serviço”. Ora, se Diamante oferece seus serviços, é porque existe um “mercado” ativo e funcional nesta área, isto é, não existiria um “Diamante” se não houvesse quem contrata seus serviços. A forma como lida com as reclamações sobre a coluna de fumaça após pôr fogo não é tão importante quanto o seu entendimento sobre a importância de seu trabalho, mesmo que isso lhe traga algum risco de acidentes:

Estudante – Alguém já reclamou com o senhor sobre isso?

Diamante – Tem sempre um, né? Mas eu não ligo. Eu faço a minha parte. Eu acredito que estou ajudando, porque se não queimasse, eles não me chamariam, né mesmo?

Estudante – O senhor já se queimou fazendo isso?

Diamante – Só uma vez. Mas foi “mole”²⁹ meu. Joguei a gasolina em fogo já aceso... Queimei um monte de cabelos do braço. Chato “pra dedéu!”³⁰

Além dos riscos de acidentes provocados por sua atividade, eu considere que o incidente envolvendo o “incendiário” e o morador em setembro de 2017, descrito na introdução deste trabalho, fosse com ele, mas pela sua resposta, existe outro:

Estudante – E o episódio dos tiros? Foi com o senhor?

Diamante – Graças a Deus, não! Mas eu conheço o sujeito. Já pensou? Eu morto e com um pacote de velas na mão? O defunto já “estava encomendado”³¹

Conversamos sobre outras coisas: sua família, situação atual do país, dificuldades de um aposentado. Mesmo registrando essas informações no caderno de campo, optei por não lançá-las aqui, por tratar-se de assunto diverso a este trabalho. Porém, uma coisa ficou sem resposta: se não era ele naquela madrugada, quem seria

²⁶ Marca de desodorante da década de 80/90

²⁷ Marca de solvente.

²⁸ Expressão equivalente a “ir embora, deixar o local”

²⁹ Gíria para expressar desatenção

³⁰ Expressão equivalente a “muito, demais, bastante”

³¹ Expressão equivalente a “rezar por um morto”

este segundo “incendiário”? Não é certo de conseguir descobri-lo, mas uma vez que este indivíduo era conhecido de Diamante, acredito que conseguiria conversar com ele para saber mais sobre o acontecido.

3.2.3 – Rubi – o subsíndico do condomínio onde moro

Neste próximo depoimento, chegara a vez do subsíndico do condomínio onde moro. Apesar de sermos vizinhos, foi a entrevista mais difícil de acontecer devido aos conflitos de nossos horários. Diferente de todas as outras, foi a única entrevista que obtive a autorização de gravá-la. Uma vez em meu apartamento, conversamos sobre a minha pesquisa e as dificuldades que ele enfrenta para realizar sua função.

Para Rubi, trata-se de um problema histórico, herdado culturalmente e que reflete, além de uma “falta educacional, uma ausência do poder público”. A falta de urbanização e a demora em limpar os locais atingidos por este mau hábito é culpa do Estado:

Rubi – De um modo geral, a gente volta à questão educacional, né? Não só do lixo em si, mas na questão do descarte. Eu acho que isso é uma herança, deixada lá atrás, de um tempo histórico, onde se jogavam os dejetos, não somente lixo, como também fezes, urina, pelas janelas de suas casas. A questão da demora em higienizar, urbanizar as ruas... E isso se reflete nos dias de hoje. A ineficiência do poder público dá margem para que isso aconteça, além da “falta educacional” que a gente carrega, por conta dos maus exemplos deixados na nossa história.

Estudante – Então você acredita que o nosso problema atual também se deve ao nosso passado histórico?

Rubi – Sim. Se você for olhar as pestes da história humana, vai encontrar essas coincidências... Ainda assim, damos continuidade a isso. Daí aparece doenças ligadas a roedores e outros animais peçonhentos. Onde não há urbanização, conscientização e ausência do poder público, esse tipo de situação acontece.

Seguindo com suas observações, Rubi defende que a solução pra o problema do descarte irregular de lixo em nosso bairro não passa somente pela urbanização, mas também pela manutenção desta – no sentido de organização e limpeza. De outra maneira, não despertará a “consciência moral” no cidadão, uma vez que, percebido o “ar de abandono”, as nossas “pedras se encarregariam de quebrar o

restante de nossas janelas”. Mas se, ao contrário, houver continuidade no serviço, isso incentivaria uma mudança de comportamentos. Ele argumenta que na “zona sul”, o comportamento apresentado no nosso bairro não seria tolerado, uma vez que, em tese, por lá, as coisas são organizadas e o Estado é mais presente.

Rubi – Eu acredito que, no primeiro momento, seria parte da solução. E focar também na persistência: não é só urbanizar, é manter urbanizado. Não adianta só fazer e não existir manutenção. Quando eu entro nessa questão, eu cito muito a “Teoria das Janelas Quebradas”. Onde você perceber um “ar de abandono”, ele estimula, cria essa ligação de que aquilo está abandonado, desestimulando nas pessoas uma “consciência moral”, que seguem reproduzindo esse “ar de abandono”. Se a gente cria um ambiente limpo e organizado, dificilmente as pessoas jogariam lixo. O comportamento dessa pessoa vai mudar. Vou te dar um exemplo: se alguém faz isso na periferia e tentar fazer o mesmo na “zona sul”³², ele vai “pensar duas vezes” antes de jogar o lixo na rua do mesmo jeito que joga aqui. Não só pela mudança de local, mas por aquele ambiente estar e se conservar limpo. Isso vai gerar uma “sensação” de “Estado presente”.

Perguntado se a classe social influenciaria tal decisão, Rubi assume que esse não seria um fator determinante para esse tipo de falha. Ele explica que um ambiente limpo e conservado é mais importante no processo de inibir o descarte irregular de lixo.

Dono de consciência ambiental, não descartaria seu entulho em qualquer lugar: acionaria o serviço das caçambas ou doaria o material. O mesmo aconteceria com uma eventual troca de móveis, porém admite que outro morador não teria a mesma atitude. Uma das soluções proposta por Rubi é através da educação. Para um melhor resultado, a educação ambiental viria associada a outras matérias que, segundo ele, criaria fórmulas mais modernas para combater antigos problemas.

Rubi – Hoje o principal passo para conseguir resultados diferentes é fazer coisas diferentes. E eu não tenho dúvidas que um desses caminhos é a Educação. Começar desde cedo na escola. Trabalhar isso como uma coisa moderna, multidisciplinar. O mundo já olha as coisas dessa maneira. E se a gente quiser se desenvolver... É levar informações a todos.

Quando, novamente, seus argumentos se voltam para o Estado, a constatação é de ineficiência e ausência. Não existem investimentos em infraestrutura e educação para que estas, associadas, informem a população sobre direitos e deveres. Segundo Rubi, isso gera um “Estado paralelo”, não somente para os pequenos delitos, capaz de influenciar o indivíduo a fazer o que é correto. A ausência de uma simples

³² A expressão é usada aqui para descrever uma melhor condição financeira do indivíduo.

placa informativa de que ali é proibido jogar lixo explica a indignação do meu entrevistado. A população não entende os danos que provoca ao rio³³ e apenas reclama quando a chuva provoca alagamentos. Da mesma forma, não se preocupa com a queima do lixo, embora sofra as conseqüências do problema. Informar a população deveria ser obrigação estatal, em conjunto com a urbanização e, principalmente, manutenção dessa urbanização. A solução estatal encontrada - “sujou, vai lá e limpa” - é vista por Rubi como paliativa, reforçando nos moradores o hábito de deixar o lixo à margem do Rio Marimbondo e no muro do condomínio.

Rubi – Eu vejo dois motivos e isso ocorre dentro do condomínio também. O principal motivo é a ausência do poder público. O Estado é ineficiente, deixa lacunas e faz com que o indivíduo construa uma espécie de “poder paralelo”³⁴, seja falando de crime organizado, seja falando aqui de nossa realidade, que é jogar o lixo ali.

O Estado não leva saneamento, não leva informação, não se importa com os prejuízos que isso pode causar, portanto é ele que, em parte, proporciona isso. Tem outra questão aí: com a limpeza daquilo que é errado, eles acabam estimulando as pessoas a colocarem mais e mais lixo no local.

Estudante – Então o poder público só age quando é estimulado?

Rubi – Exatamente. E sempre com medidas paliativas. Eu já fiz alguns pedidos, por exemplo, para urbanizar a área. Sou obrigado a voltar nas “Janelas Quebradas”³⁵ porque, se houver uma presença do Estado, necessário nesse caso... Pelos menos placas informando que ali é proibido jogar lixo. Além do assoreamento do rio, provocando enchentes, mosquitos, a questão da fumaça quando o lixo é incendiado... Se o “pessoal da urbanização”³⁶ levar informação e o se o senso de educação das pessoas aumenta, isso melhoraria muito. Então tratar isso de forma paliativa (sujou, vai lá e limpa), não vai adiantar. Isso é um “trabalho de gerações” e a gente precisa ter de volta o que a gente paga (em impostos). Isso estimularia as pessoas a fazerem o certo.

Devido ao seu trabalho como subsíndico, Rubi enfrenta problemas semelhantes com os condôminos. Em alguns andares, os moradores bloqueavam as portas anti chamas com colchões e móveis velhos. Em caso de emergência, esse problema seria decisivo na tentativa de salvar vidas. Foi preciso, segundo ele, passos lentos e muita paciência para lidar com os moradores que cometiam esta infração. Foi

³³ É o único entrevistado a referir-se dessa maneira ao Rio Marimbondo, os demais o chamam de “valão”.

³⁴ Expressão utilizada para descrever a suposta existência de dois Estados: um oficial, e outro, extra-oficial, mas que teriam influência semelhante na sociedade.

³⁵ Op. cit. (1982)

³⁶ Funcionários da prefeitura que trabalham na Secretaria de Infraestrutura e Urbanização.

através de vigília, informação e manutenção do local que, aos poucos, vai se criando uma “sensação de bem comum”, isto é, de que o lugar pertence a todos os moradores.

Rubi – Algumas coisas a gente vem tentando mudar. Culturalmente, é muito difícil. Estou lutando para que os nossos moradores tenham um pensamento crítico e diferente sobre descarte de lixo. Por exemplo, você sabe que temos portas à prova de fogo e que elas devem ficar fechadas. Em alguns andares elas sempre ficavam abertas. Foi preciso muita conversa e paciência para esclarecer os moradores que esse simples ato era de grande importância.

Após o término da entrevista gravada, continuamos conversando. Dessa vez, falando sobre este trabalho e sobre as fotografias que tirei do local. Para minha surpresa, Rubi me disse que, em determinados dias, também realizava o mesmo procedimento e que enviava as fotografias para um conhecido da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo para que aquele órgão soubesse do ocorrido e enviasse um caminhão para recolher o lixo deixado irregularmente ali.

A partir dessa informação, imediatamente, me veio à memória a entrevista com o primeiro funcionário da prefeitura, monossilábico nas respostas. Esse relato de Rubi confirma o que me informou o primeiro funcionário da prefeitura com o qual conversei e, de certa forma, reitera o segundo, no qual o motorista do caminhão da terceirizada “não deixava nada escrito” e assim, a estratégia para recolher o lixo irregular teve que ser mudada.

Finalmente, falei das experiências que tive na prefeitura e o seu comentário final me chamou atenção: “A prefeitura coloca muito “afilhado”³⁷ para trabalhar. Será que esse primeiro cara não era um deles?” (RUBI, 2018)

3.2.4 - Ametista

A minha próxima “pedra preciosa” é, sem dúvida, a mais importante. Não fosse o acaso e o bom relacionamento com sua filha no passado, esta pesquisa ainda estaria engatinhando. Foi graças a este senhor, que me “abriu as portas” (algumas, literalmente), e dessa forma, pude visitar os entrevistados e obter o material deste

³⁷ O termo é usado aqui para se referir a cargos comissionados. Geralmente por indicação política e não através de concurso público.

estudo. Foi sempre a partir de sua casa que saíamos para outras residências do local. Os sábados que batia à sua porta (foram, no mínimo, onze), geraram em mim profundo respeito e gratidão por esse senhor.

Morador antigo do bairro do Porto Novo, Ametista parece conhecer todos os segredos e atalhos desse lugar. Foram inúmeras as conversas que tivemos e, se fosse gravá-las, precisaria de um novo computador. No depoimento abaixo, reproduzo uma de nossas conversas antes de sairmos em busca de respostas para o meu problema de pesquisa. Neste depoimento, temos um pequeno retrato desse cidadão que se vê como um “pessimista” quando olha para o futuro:

Estudante – O senhor acredita que há lugares adequados para o descarte de lixo e entulho na vizinhança?

Ametista – Aqui não tem nem aquelas lixeirinhas laranjas, imagina um local pra isso? O máximo que vi foi gente aproveitar a caçamba do vizinho pra jogar o entulho dele. Mas foi conversado antes.

Estudante – Aonde as pessoas normalmente descartam lixo e entulho na vizinhança?

Ametista – Lá no “valão”³⁸, perto de onde você mora. Tem gente de lá que joga as coisas por lá, que eu sei.

Estudante – Os moradores do condomínio?

Ametista – Ah, rapaz... Tu não sabe de nada. Ele dão vinte “merréis”³⁹ pro cara da limpeza, e “na madrugada” ele deixa tudo por lá. Você achou que aquilo tudo vinha de onde?

Estudante – Não sei. Mas não esperava que os próprios moradores do condomínio estivessem envolvidos. O senhor me entende?

Ametista – É claro que eu te entendo. Eles estão “dando tiro no próprio pé”⁴⁰ e depois ficam reclamando.

Estudante – Na hipótese de uma reforma em seu imóvel, onde colocaria o entulho da obra? Acredita que o seu vizinho faria o mesmo? Por quê?

Ametista – Eu vou te ser sincero: eu jogaria por lá também. E qualquer um daqui faria o mesmo. Imagina se o sujeito vai ter grana pra pagar pela caçamba de entulho? Com o dinheiro dela, ele compra quatro sacos de cimento. Sem falar que, às vezes, é uma coisinha boba, nem vale à pena...

Estudante – Mas isso não seria fazer o mesmo que os moradores do condomínio: “dar tiro no pé”?

Ametista – Claro que é. Mas, hoje em dia, ninguém mais pensa no futuro. Tudo tem que ser resolvido hoje, agora, “pra ontem”⁴¹. Então o sujeito vai se livrar do problema dele e foda-se os outros.

³⁸ Nome dado pelos moradores ao Rio Marimbondo

³⁹ Gíria utilizada por Ametista para identificar R\$ 20,00 (Vinte reais)

⁴⁰ Expressão equivalente a “Fazer algo contra si”

A primeira resposta que obtive de Ametista quanto a existência de um lugar apropriado para o descarte de lixo e entulho explica parcialmente o porquê desses acontecimentos. Na sua fala, o local não possui sequer, o básico (lixeirinhas laranjas), o que leva os moradores a improvisar, negociando o eventual uso conjunto da caçamba de um vizinho.

Morador antigo do local e profundo observador dos hábitos da vizinhança, não titubeia ao responder que também é um dos que deixam seu lixo no muro do condomínio ou à margem do Rio Marimbondo. Para a minha surpresa, ele revela saber que os moradores do condomínio possuem o mesmo hábito.

Segundo Ametista, os moradores pagam certa quantia em dinheiro para o rapaz que faz a limpeza do prédio, e este, na alta madrugada, descarta o lixo sem que ninguém o veja. A minha incapacidade de entender esta lógica é facilmente explicada por ele: com o preço cobrado pelo serviço de caçambas é alto (o equivalente a quatro sacos de cimento), o indivíduo opta por outros caminhos.

Tais caminhos são seguidos não importando o que acontece com o outro ou mesmo consigo. A estratégia aqui é imediatista: livrar-se do problema agora, mesmo que haja eventuais prejuízos (alagamentos é o mais recorrente), causados por esta primeira decisão.

Ametista diz que em São Gonçalo (RJ), vive um bicho “diferente”, capaz de pichar um muro recém pintado com frases de incentivo visando educação ambiental. Este “ser” é incapaz de obedecer leis e regras, pois será visto como otário e reconhecido como tal por essas ruas. “E ninguém quer ser otário.”

Ametista – É. Aqui quem obedece à lei é “tirado como otário”, porque ninguém faz. E quem quer ser otário? Ninguém, né, não? Então o cara só “segue o fluxo”⁴². Não “pega nada”⁴³ pra ele.

Na “Terra de Marlboro”, ninguém quer se envolver em conflitos, principalmente se nesse conflito envolver polícia. Qualquer denúncia ou reclamação

⁴¹ O equivalente à “máxima urgência”.

⁴² Gíria equivalente a “apenas imitar o outro, fazer o que o outro faz”.

⁴³ Gíria equivalente a “sair ileso, sem maiores contratemplos”.

pode virar-se contra o delator ou reclamante, uma vez que “as coisas por aqui funcionam ao contrário”. Então, para Ametista, resta “seguir o fluxo”, isto é, fingir que não vê, como no caso do “Queimador de cobre”.

Ametista – Olha só: você está interessado nesse problema agora. Amanhã nem vai lembrar mais disso. Então a gente já se acostumou: é cada um por si e Deus por todos. Lembra do cara que “queima cobre”⁴⁴ que te falei? E você acha que esse “maluco” está preocupado com o semelhante dele? Ele rouba o fio, queima e vende o cobre. Todo mundo vê a fumaça. Alguém faz alguma coisa? Nada. Ficam com medo de se envolver.

Perguntado se enxerga uma perspectiva de melhora para o futuro, a narrativa envolvendo estudantes e uma idosa na busca de sentar-se em seu lugar reservado por direito é emblemática. Se não impressiona a fala de um dos estudantes do ônibus, “Velho tem mais é que morrer”, a frase seguinte “As nossas Janelas Quebradas vêm de fábrica” explica de muitas maneiras seu pessimismo quanto ao futuro.

Ametista – Outro dia, eu peguei o ônibus pra Alcântara⁴⁵. Tava cheio de estudantes fazendo a maior algazarra: um jogava biscoito no outro, o outro gritava, outros cantavam “proibições”⁴⁶. Me entra uma senhorinha no ônibus e pede pra sentar no lugar reservado aos idosos. Sabe o que eu ouvi? “Velho tem mais é que morrer”. É esse o futuro que eu vi. As “janelas quebradas”⁴⁷ daqui “já vem de fábrica”⁴⁸.

⁴⁴ Segundo Ametista, existe no bairro furto de fios de cobre. Tais fios vem cobertos com uma camada de plástico que, ao serem derretidos, produzem fumaça e odores nauseantes.

⁴⁵ Principal centro comercial do município e ponto final da maioria dos ônibus de São Gonçalo (RJ)

⁴⁶ Gênero musical que faz apologia ao crime e possuem letras de forte apelo sexual.

⁴⁷ Op. cit. (1982)

⁴⁸ O equivalente a “desde novo”, sinaliza problemas desde o início.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi tentar identificar algumas motivações dos moradores do bairro do Porto Novo em São Gonçalo (RJ), que descartam lixo irregularmente no muro do condomínio onde moro e à margem do Rio Marimbondo.

Eu trabalhei com a hipótese de que o baixo grau de internalização de regras influencia nas decisões relacionadas ao descarte de lixo para os moradores dessa localidade. Essa hipótese foi apontada como válida para ampla maioria dos entrevistados.

As experiências pelas quais passei relatadas neste trabalho, informam sobre as muitas dificuldades que tive em obter informações, seja de um órgão estatal, seja do cidadão comum. Não estamos acostumados a “prestar contas” do que fazemos, ainda mais sobre um assunto sensível a todos os envolvidos, como é o caso do descarte irregular de lixo no bairro.

À medida que aprofundava esta pesquisa, fui construindo uma “colcha de retalhos” com as principais teorias que escolhi para tratar do assunto. Apesar de darem conta de explicar o meu problema parcialmente, foi o alicerce para que eu pudesse entender a multiplicidade de problemas relacionados ao descarte irregular no bairro em estudo.

A partir dos textos trabalhados e das entrevistas, percebo que esta pequena parcela da população gonçalense que foi aqui estudada, não é socialmente organizada. Isso se reflete no baixo grau de confiança coletivo. Isolados, cada um contará, no limite, com seus saberes individuais – educação, ética, cultura local - para a tomada de decisões, não orientados coletivamente. Até que ponto a incapacidade da municipalidade de inibir as pequenas faltas pode estar estimulando o cidadão local, isento de regras, a pensar que tudo lhe é permitido? Esterçando as regras de convivência no limite, confunde “desvio” com atalho?

O primeiro fato relevante para a pesquisa é que a Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo do município de São Gonçalo (RJ), sabe do que ocorre na localidade. Nas palavras de um dos funcionários do órgão, “o problema é antigo”.

O gestor estatal “faz o que pode” baseado nas seguintes alegações;

1 – Falta de recursos financeiros – “O Estado está falido.”;

2 – O funcionário da terceirizada não o informa de forma correta, impossibilitando “adivinhar” que há lixo no local;

3 – Não existem projetos educacionais específicos nesta área.

A segunda informação importante, obtida através de conversas com alguns moradores, é de que o descarte de lixo irregular é feito deliberadamente, isto é, o cidadão local sabe que é errado o que faz, porém o faz.

Alguns atenuantes para as atitudes dos moradores do local foram usados como uma maneira de justificar o que eles fazem:

1 – Não existem locais apropriados para o descarte de lixo. Não existem lixeiras no local pesquisado;

2 – O serviço de “caçambas de entulho” é muito caro na avaliação dos moradores e, dado o que se poderia comprar com o dinheiro ali empregado (a medida utilizada são quatro sacos de cimento), é um serviço dispensável ou pouco utilizado;

3 – A percepção que os moradores possuem daquele que segue regras, normas e leis é deturpada pelo cotidiano – ninguém segue, por que eu seguiria?

Por outro lado, ambos – prefeitura e moradores - concordam em um ponto: a percepção de que falta educação para todos.

Não é minha função como estudante resolver este tipo de problema. O que fiz foi arregimentar o maior número de informações possíveis para que, no caso de haver alguma relevância, agora ou no futuro, o interessado disponha de dados para uma melhor tomada de decisão.

Na hipótese da Secretaria de Infraestrutura e Urbanismo de São Gonçalo (RJ), recuperar-se financeiramente e propor ações que visem tratar do problema do descarte irregular no muro do condomínio e à margem do rio Marimbondo, este trabalho contribui para melhor informar sobre um caminho diferente do que é utilizado hoje: o tal “sujou, vai lá e limpa”.

Essa atitude, de certa forma, contribui para que cada vez mais lixo seja jogado no local. É como se a prefeitura, através dessa ação, aprovasse as atitudes do

indivíduo. Essa percepção de que o lixo será recolhido, mesmo em períodos irregulares, crava suas garras de tal forma nesse indivíduo que ele não enxerga alternativas a esse modo de agir.

Naturalmente, as desculpas de ambos os lados – Estado e Sociedade - serão as mais variadas. Isso impede de olharmos o problema como uma falha estrutural, a ser debatida por todos os setores da sociedade. Embora este trabalho seja responsável por jogar luzes sobre a questão no bairro do Porto Novo, não é incomum acontecer descarte irregular de lixo em outros lugares do estado do Rio de Janeiro, haja vista os “mais de sete mil pontos de lixo irregular” somente na região metropolitana, conforme informação trazida nesta pesquisa.

Foi então que me ocorreu o seguinte: se não é tão somente um problema local, o que existe em comum em todos esses lugares de descarte irregular? Falta de educação? Falta de lugar apropriado para o descarte? Preços inibidores das “caçambas de entulho”? Descaso do poder público? Isso também ajuda. Mas o ponto em comum a todos esses lugares é a existência de lei.

Existe uma lei no município (Código de Postura), e existe uma lei para o Estado do Rio de Janeiro. Portanto, existem não apenas uma, mas duas leis que versam sobre o assunto “É proibido jogar lixo na rua”. Então por que este trabalho deu exemplos, dos mais variados tipos, que o que ocorre é justamente o contrário, isto é, as pessoas continuam com esse hábito?

É do meu entendimento que isso ocorre porque as leis não foram feitas pelas pessoas que cometem o delito. Estranho? Explico: as leis que proíbem não foram debatidas com essa parte da sociedade que, efetivamente, comete a falha. Então essa lei é uma utopia que desconsidera a realidade dos moradores do Porto Novo, por exemplo.

Nessa imensa diversidade de que é feito nosso povo, como esperar as mesmas atitudes uniformes, constantes, e que não sofra nenhuma influência ou variação, de acordo com o viver de cada um? Ora, isto é impossível, desde que somos seres humanos e não máquinas.

O que quero chamar atenção é para este agrupamento de códigos que não reflete o cotidiano da maioria, logo terá seu uso como facultativo, seja por desconhecimento, seja por qualquer necessidade alegada e que o torna ineficaz. Não

funciona no Porto Novo, não funciona na região metropolitana do Rio de Janeiro e arrisco dizer que não funciona em boa parte do Brasil.

O que temos então é um frágil equilíbrio entre a manutenção da ordem pública - eu limpo porque eles sujam - e a escolha feita por esta parcela da população gonçalense - eu sujo porque eles limpam. Perceba que o ente público não tem a opção “não limpar”, pois é parte do acordo social de que ele realize tal função. O que nos resta desta “balança” tão fragilmente equilibrada? O “não sujar”, obviamente, caindo no colo da sociedade. Mas isso jamais será conseguido “por decreto”.

Para dar um exemplo do que estou falando, citarei o relato do ônibus feito por Ametista. Não deveria existir uma “lei do idoso” para lhe garantir o assento naquele ônibus (ou qualquer meio de transporte), porque a lei, pura e simplesmente, não garante seu lugar sentado, efetivamente. O que garantiria o seu lugar, não importando se existe um lugar reservado ou não, seria explicar para os estudantes que, talvez, com um pouco de sorte, consigam chegar à velhice. Fazê-los entender que estes mesmos meninos de hoje, envelhecerão um dia, e ficarão à mercê de outros, mais jovens.

Não sei se o pessimismo de Ametista me contagiou, mas a curto prazo, tudo que nos falta é cidadania. E podíamos começar com algo bem simples: aprendendo a ceder nosso lugar no ônibus aos mais velhos sem a necessidade de que haja uma lei determinando isso. Depois a gente aprende a não jogar lixo no chão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRELPE. Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais. Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2015. Disponível em <<http://www.abrelpe.org.br/Panorama/panorama2015.pdf>> Primeiro acesso em dez 2017

ANDIF. BARBOSA, Viviane. 2014 Disponível em <<http://andif.com.br/index.php?tipo=noticia&cod=128#.Wv-eSMQh3IV>> Primeiro acesso Dez 2017

BECKER, Howard . Outsiders: estudos de sociologia do desvio. Tradução Maria Luiza X. de Borges - 1.ed.- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008. Disponível em <<https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/becker-howard-s-outsiders-estudos-de-sociologia-do-desvio.pdf>> Primeiro acesso em 15 nov 2017

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em <<http://www.mma.gov.br/>> Primeiro acesso Dez 2017

BRITO, W. de M. Instrumentos e interferências no desempenho do Judiciário no Rio de Janeiro. Cartórios judiciais: suas práticas, ritos e impactos na marcha processual. 2013. 145 f. Tese (doutorado em Direito) – Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2013

CARVALHO. José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

COULON, Alain. Etnometodologia e educação. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis-RJ. Cap. III, IV e V. Vozes, 1995.

COUTINHO, Jacinto Nelson de Miranda; CARVALHO, Edward Rocha de. Teoria das Janelas quebradas: E se a pedra vem de dentro? Disponível em: <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/11716-11716-1-PB.htm>> Primeiro acesso Jun 2016

CNI-IBOPE – Pesquisa: retratos da sociedade brasileira - confiança interpessoal . Março 2014 / Confederação Nacional da Indústria. – Brasília: CNI, 2014. 14 p. Disponível em <https://static-cms-si.s3.amazonaws.com/media/filer_public/a7/e1/a7e14852-a5c2497c-a3d4-9a990c31fac6/retratosdasociedadebrasileira_17_confiancainterpeoal.pdf> Primeiro acesso em 14 de Jul 2017

DAMATTA, Roberto, O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco: 1986.

ELIAS. Norbert. 1897-1990 O processo civilizador. v. 1 – 2 ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Disponível em <https://labmus.emac.ufg.br/up/988/o/ELIAS_Norbert._O_processo_civilizador_volum_e_1.pdf> Primeiro acesso em 15 nov 2017

EIGENHEER, Emilio Maciel. A limpeza urbana através dos tempos. Porto Alegre, RS: Pallotti, 2009. Disponível em <<http://www.lixoeducacao.uerj.br/imagens/pdf/ahistoriadolixo.pdf>> Primeiro acesso Jun 2018

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, RJ - LTC, 2008. Disponível em <https://identidadesculturas.files.wordpress.com/2011/05/geertz_clifford-a_interpretac3a7c3a3o_das_culturas.pdf> Primeiro acesso em 30 Jan/2016

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa - Petrópolis, RJ - Vozes, 1997.

GERALDO, Pedro Heitor Barros. Profissionalismo e "senso prático": Uma análise praxeológica do trabalho na Secretaria de um fórum Francês. In: Fernando de Castro Fontainha; Pedro Heitor Barros Geraldo. (Org.). Sociologia Empírica do Direito. 1ª ed. Curitiba:

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975

KELLING, George L.; WILSON, James Q. Broken windows: the police and neighborhood safety. *Atlantic Monthly*. 1982 Mar; 249(3):29–38. Disponível em <http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1982/03/brokenwindows/4465/?single_page=true> Primeiro acesso em 15 nov 2017

LOBO, Michel (2014). A Nova Democracia e o Juizado Especial Criminal: Entrar na Justiça é Exercer Direitos?. XI Congresso Argentino de Antropología Social, Rosario. Disponível em <<http://cdsa.aacademica.org/000-081/591.pdf?view>> Primeiro acesso Jun 2018

MARAFON, Glaucio José; DE QUEIROZ, Humberto Alves. Os caminhos do lixo na cidade do Rio de Janeiro. Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, n. 8, p. 37-54, 2015. Disponível em <www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cdf/article/download/26559/19618> Primeiro acesso em Jun 2018

MEAD, G. H. *Mind, self, and society: from the standpoint of a social behaviorist*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992. Disponível em <<http://livros01.livrosgratis.com.br/bu000001.pdf>> Primeiro acesso em 15 nov 2017

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISSE, Daniel G. As teorias da desorganização social, eficácia coletiva e janelas quebradas Apostila de Curso – Aula 2, 5º período do Curso Tecnólogo em Segurança Pública, CECIERJ, 2016.

O GLOBO. RIO DE JANEIRO. GALDO, Rafael. Sete mil toneladas de lixo tem destino irregular no estado do Rio. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/sete-mil-toneladas-de-lixo-tem-destino-irregular-no-estado-do-rio-21779509>> Primeiro acesso em Jan 2017

O'DONNELL, Guilherme. Democracia delegativa? Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 31, p. 25-40, 1991.

SAMPSON, Robert. J., RAUDENBUSH, Stephen, W. e EARLS, F. "Neighbourhoods and violent crime: a multilevel study of collective efficacy". *Science*, nº 277, 1997, pp. 918-24. Disponível em <http://science.sciencemag.org/content/277/5328/918?variant=fulltext&sso=1&sso_redirect_count=1&oauth-code=338c2675-6d7c-4c08-a36d-023dce81fc25> Primeiro acesso em 15 nov 2017

SÃO GONÇALO. Decreto 193/2016, 17 de outubro de 2016. Fixa o valor da UFISG para o exercício de 2017. 2016. Disponível em <http://www.saogoncalo.rj.gov.br/diario/2016_10_17.pdf> Primeiro acesso em 10 out 2017.

SÃO GONÇALO. Lei 17/2003, 19 de maio de 2003. Institui o novo código de posturas do município de São Gonçalo e dá outras providências. 2003. Disponível em <<https://leismunicipais.com.br/codigo-de-posturas-sao-goncalo-rj>> Primeiro acesso em 10 out 2017.

SISINNO, Cristina.L.S. Destino dos resíduos sólidos urbanos e industriais no estado do Rio de Janeiro: avaliação e toxicidade dos resíduos e suas implicações para o ambiente e para a saúde humana. [tese]. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2002. 102f. Disponível em <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4374/2/144.pdf>> Primeiro acesso em Jun 2018

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar". In: *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada: 101 crônicas escolhidas*. 10ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1995, p.68 -70.

ZALUAR et al. Teoria da eficácia coletiva e violência. O paradoxo do subúrbio carioca. In: *Novos estudos - CEBRAP no. 84*, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002009000200010> Primeiro acesso em 11 Dez 2017

AUDIOGRAFIA

LIRA, MAIA. Dan. *O campo é o corpo* (Lira/Dan Maia), 2017. Disponível em <<http://www.mst.org.br/2017/12/20/o-campo-e-o-corpo.html>> Primeiro acesso Dez 2017. Esta música é resultado de uma parceria entre o cantor pernambucano Lira e o músico mineiro Dan Maia, para homenagear a inauguração do Campo Dr. Sócrates, na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), São Paulo, SP, 2017.

PAULINHO DA VIOLA. Sinal fechado. Foi um rio que passou em minha vida. Rio de Janeiro, Sony BMG Music Entertainment, 1970.

TITÃS. Homem primata. Cabeça dinossauro. Brasília, Warner Music Brasil, 1986.

FILMOGRAFIA

BOCA DE LIXO. COUTINHO, Eduardo. Rio de Janeiro, 1992, (50 min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=oZcTIC757mM>> Primeiro acesso dez 2017

ILHA DAS FLORES. FURTADO, Jorge. Porto Alegre: 1989. (12 min.) Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg>> Primeiro acesso dez 2017